


Tematizando a violência na escola por meio das lutas nas aulas de educação física

Thematizing violence in schools through combat sports in physical education classes

 Sorlei Silva e Silva *
Mayrhone José Abrantes Farias **
Flávia Martinelli Ferreira ***

Recebido em: 21 maio 2022
Aprovado em: 8 ago. 2022

Resumo: O presente trabalho objetivou tematizar a violência na escola por meio das lutas e jogos de oposição, com alunos do sexto ano de uma instituição de ensino de tempo integral em Tocantinópolis/TO. Realizamos uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter interventivo, amparados na perspectiva crítico-emancipatória da educação física. A análise qualitativa dos conteúdos decorreu do cruzamento entre o olhar do pesquisador e a contribuição dos alunos e gestores da instituição à luz da literatura. Com o desenvolvimento das aulas, os alunos passaram a diferenciar as terminologias das palavras luta e violência com significados diferentes, desde o primeiro contato com o conteúdo até o momento de culminância do festival, no qual consideramos ter emergido de forma concreta o entendimento dos alunos acerca do conteúdo. Concluímos que os alunos compreenderam as lutas também em relação às suas diversidades históricas, normas e valores potencializadores do desenvolvimento dos indivíduos por ela subsidiados.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Ensino Fundamental. Violência. Lutas.

Abstract: The present work aimed to thematize the violence in the school through combat sports and games of opposition, with students of the sixth year of a full-time teaching institution in Tocantinópolis/TO. We carried out a qualitative approach research, with an interventional character, supported by the critical-emancipatory perspective of physical education. The qualitative analysis of the contents resulted from the intersection between the researcher's view and the contribution of the students and managers of the institution in the light of the literature. With the development of the classes, the students started to differentiate the terminologies of the words fight and violence with different meanings, from the first contact with the content until the culmination moment of the festival, in which we consider that the students' understanding of of the content. We conclude that the students also understood the struggles in relation to their historical diversities, norms and values that can help the development of individuals influenced by them.

Keywords: School Physical Education. Elementary School. Violence. Combat sports.

* Sorlei Silva e Silva é licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Tocantins - Campus Tocantinópolis e mestrando do PPGEC/SUFT - Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde. Professor substituto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Paragominas – IFPA. Contato: sorlei@uft.edu.br

** Mayrhone José Abrantes Farias é doutor em Educação Física pelo Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB). Docente adjunto do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT/ Tocantinópolis). Realiza estágio Pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE/UnB, na linha de pesquisa de Estudos Comparados em Educação. Vice-líder do Grupo IMAGEM/UnB e do NIMEF/UFNT. Contato: mayrhone@gmail.com

*** Flávia Martinelli Ferreira é doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (PPGEF/UnB). Docente adjunta do Instituto Superior de Educación Física da Universidad de la República de Uruguay (CENUR Litoral Norte - Sede Paysandú) e Pesquisadora Nivel I do Sistema Nacional de Investigadores do Uruguay. Líder do Grupo de Estudo e Pesquisas Educação Física, Infância e Cultura (GEPEFIC – ISEF/Paysandú). Contato: flaviamartinelli@uol.com.br

Introdução

A violência na escola não é um fenômeno exclusivo da atualidade. Segundo Abramovay (2002), as manifestações violentas estão arraigadas nas instituições escolares, razão pela qual estão se tornando um grave problema social no mundo ocidental moderno. De acordo com a autora, o modo de analisar este fenômeno na escola está ganhando contornos mais amplos, deixando de ser tratado apenas como uma questão de indisciplina; de igual modo, a violência pode ser entendida a partir de uma perspectiva que abarca fenômenos contemporâneos como a globalização, que culminam em exclusões sociais.

Nesse sentido, a mídia exerce papel fundamental. Ao mesmo tempo em que ela auxilia na propagação do ambiente escolar como um espaço de aprendizagem de conhecimentos e de valores, bem como do exercício da ética e da razão (MARRIET *et al.*, 2006); ela é também responsável pela proliferação de representações/imagens de manifestações violentas, como brigas, invasões, depredações e até mortes. Logo, percebemos que os alunos se deparam com um cenário conflituoso, capaz de gerar interferências diversas em suas aprendizagens.

Na escola, a discussão sobre a violência pode ser pautada sob a perspectiva do corpo e do movimento. No ponto de vista de Bonfim *et al.* (2012), a medida em que se abre espaço para reflexão sobre a cultura do movimento dentro da educação física escolar, observa-se que tal expoente fomenta a integralização dos alunos no espaço em que estão inseridos. As aulas de educação física podem ser utilizadas com o viés de promoção de vivências que atuem na socialização, desta forma, conscientizando e ressignificando práticas que possam resultar em violências. Santos, Oliveira e Cândido (2011) compreendem que as lutas como conteúdo da educação física escolar podem colaborar com essa ressignificação, atuando na construção da autonomia, criticidade e emancipação, tendo como consequência a edificação de conhecimentos significativos por parte dos alunos.

A partir de observações realizadas em uma escola pública estadual de tempo integral em Tocantinópolis/TO¹, foram identificados altos índices de manifestações violentas no ambiente escolar. Ainda na fase exploratória da pesquisa, buscou-se investigar e compreender este fenômeno, a fim de problematizar a violência a partir de uma sequência pedagógica de jogos de oposição e lutas na escola. Os objetivos da pesquisa apresentada neste artigo estiveram centrados, portanto, no mapeamento das práticas de

violência na escola, na análise das diferenças entre as lutas vivenciadas e as práticas de violência dos alunos da turma estudada e na ressignificação dos saberes relacionados ao brigar e ao lutar a partir das vivências de jogos de oposição.

Para subsidiar a intervenção que emergiu da inter-relação entre violência escolar e o conteúdo lutas, foram empreendidas pesquisas na literatura especializada da área. Identificamos diversas pesquisas sobre as lutas no contexto brasileiro (ABRAMOVAY, RUA, 2002; ALBINO *et al.* 2008; CANDREVA, 2009; CORREIA, FRANCHINI, 2010; FARIAS, FERREIRA, 2021; FARIAS, WIGGERS, ALMEIDA, 2015; WIGGERS *et al.* 2019; RUFINO, DARIDO, 2012; SANTOS, OLIVEIRA, CÂNDIDO, 2011; SO *et al.* 2020). Entretanto, dessas pesquisas, poucas são relacionadas à violência e intervenções pedagógicas acerca das lutas na região norte do país (MIRANDA, REIS, 2020; SANTOS, FREITAS, 2018).

Neste contexto, a possibilidade de abordar este tema através dos jogos de oposição e das lutas como conteúdos da educação física escolar mostrou-se relevante para a problematização da violência no contexto em que os indivíduos estavam inseridos, a cidade de Tocantinópolis/TO, tendo em vista que, ao (re)conhecer e vivenciar novas práticas corporais, as crianças dispõem de novos horizontes de aprendizagem. A pesquisa encontra-se amparada nas proposições de Kunz (2001; 2006) para o trato da educação física na escola, sugerindo que as crianças estabeleçam relações de sentido e significados com o movimento, sendo o “se-movimentar” uma experiência subjetiva, para além do simples mover-se corporalmente.

Com base no excerto anterior, desenvolvemos uma pesquisa junto a uma turma de sexto ano do ensino fundamental a fim de problematizar os significados da violência na escola por meio do conteúdo lutas e de jogos de oposição. A escolha por esta faixa etária se deu a partir de mapeamento na unidade escolar, no qual constatou-se que as ocorrências na escola são mais evidentes em tal idade. Por tratar-se de uma escola de tempo integral, vale ressaltar que os alunos passam o dia todo neste ambiente escolar, construindo no local relações de convivência das mais variadas formas – dentre elas, algumas de natureza conflituosa.

Considerando essa realidade, propusemos uma ampliação do debate sobre as manifestações corporais da luta já conhecidas pelos alunos, por meio dos jogos de oposição, como ferramenta para a emancipação, proporcionando subsídios para reflexões e intervenções por meio da tematização da violência. A seguir, apresentaremos os pressupostos estudados para conferir embasamento à proposta empreendida.

1. Violência e agressividade nas aulas de educação física: os jogos de oposição como alternativa de intervenção

Sabe-se que o objeto de estudo e intervenção da educação física é o movimento humano em suas diversas facetas (KUNZ, 2001). Levando em consideração a educação física escolar, Bonfim *et al.* (2012) ressaltam que durante as aulas é recorrente e quase indispensável a interação entre os alunos, para que, assim, os conteúdos sejam construídos. Acerca dos atos de violência no âmbito escolar, é nas aulas de educação física onde há maior número de ocorrências ligadas a tais atitudes, quando comparadas aos outros espaços e tempos da escola (ALBINO *et al.*, 2008). Diante do exposto, questionou-se: as aulas de educação física poderiam contribuir para a diminuição dos índices de violência nas instituições escolares?

Na atualidade, a educação física está inserida como componente da área de linguagens, fato justificado pelo argumento de que as práticas corporais serem textos culturais, dotados de sentidos e significados por seus grupos praticantes, passíveis de leitura e produção. A partir dos documentos curriculares oficiais, em especial, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, entende-se que os conteúdos podem ser organizados em seis unidades temáticas: brincadeiras e jogos, danças, esportes, ginásticas (demonstração, condicionamento físico e conscientização corporal), lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2018).

Conforme consta na própria BNCC, na unidade temática das lutas deve-se proporcionar às crianças do 6º ano do ensino fundamental a experiência e recriação de diferentes lutas presentes no Brasil. Ademais, indica-se a necessidade de uma problematização acerca de preconceitos e/ou estereótipos relacionados ao universo das lutas, propondo alternativas para superá-los, tomando como referência atitudes de solidariedade, respeito e justiça (BRASIL, 2018).

Além disso, com a inserção de temas especiais há um entrecruzamento dos conhecimentos específicos de cada disciplina com temas da atualidade. De acordo com o documento, o trato de temáticas especiais devem atravessar todo o processo de ensino, ao invés de serem tratados de forma apartada dos conteúdos (BRASIL, 2018). Neste sentido, o artigo propõe contribuir na intersecção dos conteúdos das lutas e dos jogos, abordando especialmente questões a respeito da violência, tópico proeminente no ambiente escolar pesquisado.

A respeito do jogo e do brincar, levaremos em consideração obras de autores que concordam no que se diz respeito ao valor histórico destes conteúdos e sua importância na aprendizagem do ser humano. Huizinga (1990) aborda o jogo humano decorrente da cultura,

considerando essa forma de jogo como a mais elaborada. Para o autor, o jogo não é uma invenção dos seres humanos, mas antecede a cultura, que pressupõe a existência da própria sociedade humana:

O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotados de um fim em si mesmo acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida quotidiana. (HUIZINGA, 1990, p. 33).

Para o autor, o jogo é uma ação voluntária que necessita que o jogador saia da vida real para um espaço lúdico e imaginário. Destaca também que o jogo se transforma em tradição por meio da repetição, e é transmitido de geração a geração, preservando algumas características. Segundo Candreva *et al.* (2009), o jogo tem exponencial contribuição para as relações pessoais. Ele desenvolve a criatividade, o respeito com o próximo, a solidariedade e, por meio das experiências proporcionadas, a criança entende melhor a respeito do convívio e do respeito que deve existir em grupos sociais.

Inseridos nesta ampla variedade de jogos e brincadeiras, os jogos de oposição são caracterizados como “[...] uma atividade lúdica que envolve o confronto entre duplas ou grupos, na qual cada participante tem a intenção de vencer [...] impondo-se ao outro pela tática ou pelo físico” (SANTOS, 2012, p. 40). O autor ainda ressalta que as atividades têm seus interesses voltados para o cunho pedagógico, a fim de formar indivíduos que possam respeitar normas e valores sociais. O objetivo dos jogos de oposição não é valorizar a competição, mas promover manifestações corporais que enfatizam valores “culturais, históricos, sociais e de gênero, e que podem ser ensinados pelo movimento humano” (SANTOS, 2012, p. 41).

De igual modo, a relevância do brincar como meio de manifestação corporal vai além de uma mera atividade; é possibilidade de interação com o meio e conhecimento do próprio corpo (KUNZ, 2015). Diante disto, entende-se que, por meio do brincar, as crianças se relacionam com o mundo e entram em contato com questões referentes às normas, condutas e valores que perpassam suas rotinas sociais.

Logo, não nos parece haver dúvidas de que tais conteúdos, usados em prol da reflexão a respeito de atitudes violentas e de desrespeito ao próximo podem, de certa forma, contribuir para repensarmos a formação humana, desvelando valores fundamentais para a convivência em sociedade. A seguir, apresentaremos os delineamentos metodológicos da intervenção elaborada, com o intuito de ampliar as manifestações corporais da luta conhecidas pelos alunos, tematizando a violência na escola.

2. Delineamentos metodológicos

A presente pesquisa foi desenvolvida com alunos de uma turma de sexto ano, funcionários e gestores de uma escola pública estadual de tempo integral localizada no município de Tocantinópolis/TO. Tomando como referência os objetivos a serem alcançados, a pesquisa se enquadra em proposta qualitativa, com aporte teórico da abordagem crítico-emancipatória da educação física, que buscou entender os significados do fenômeno da violência dentro do contexto escolar e realizar uma intervenção amparada no conteúdo lutas.

Delineando o cenário pesquisado, o estudo foi realizado com 17 alunos, dentre estes, quatro meninas e 13 meninos com idade entre 12 e 17 anos, regularmente matriculados no sexto ano do ensino fundamental. Para o desenvolvimento da pesquisa, contamos com a contribuição do professor de educação física da instituição de ensino, respaldando a organização didático-pedagógica das intervenções propostas.

Marconi e Lakatos (1996, p. 79) apontam que, por meio da observação, é possível, “[...] identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento”. Segundo Gil (2014), ao observar, o pesquisador busca saber os reais feitos e conhecimentos presentes ali na vida do grupo a ser pesquisado, desta forma, se torna um membro daquele meio. Diante da necessidade de registrar as informações e vivências durante a pesquisa, a ferramenta de observação foi utilizada seguida de posterior registros em caderno de campo.

A pesquisa valeu-se, em adição, de outro instrumento para obtenção de informações acerca dos fenômenos, a entrevista semiestruturada, realizada com os funcionários da escola, sob a condução dos próprios alunos, organizados em duplas. Após a realização, organizou-se um momento para a apresentação e discussão coletiva das respostas obtidas nas entrevistas em sala de aula.

Ademais, segundo Ribeiro (2008), a entrevista evidencia-se como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistados. (RIBEIRO, 2008, p. 141).

Utilizou-se também a análise do livro de ocorrências da escola, onde estão presentes registros a respeito do comportamento dos alunos e de suas ações no ambiente escolar, sobretudo quando estas desviam da conduta esperada pela equipe pedagógica. Todas as

informações foram coletadas em dois meses, durante o primeiro semestre de 2018. As visitas a campo foram realizadas com frequência de três vezes por semana e duração de 3h cada, totalizando 81 horas no desenvolvimento do estudo.

Na primeira fase da pesquisa, realizou-se a observação e mapeamento da problemática na escola nos diversos tempos e espaços da instituição. Averiguou-se a infraestrutura e os materiais disponíveis para realização das aulas. Sucedeu-se, então, o contato com os alunos², analisando seus espaços, costumes, expectativas, e as possibilidades que poderiam ser exploradas, além das dificuldades a serem enfrentadas. Ainda nesta fase, entrevistou-se os gestores da escola, a fim de ponderar informações referentes ao olhar institucional quanto às manifestações violentas no ambiente escolar, apresentando o uso do conteúdo lutas como forma contribuir com as ocorrências da escola.

Após o término das etapas anteriores, iniciou-se o desenvolvimento das atividades com a turma elencada. O planejamento – elaborado previamente – contava com um bloco de duas aulas por semana, durante um mês. Os blocos foram divididos em três momentos. O primeiro momento foi destinado ao mapeamento das concepções de luta e violência dos alunos, utilizando como técnica de pesquisa desenhos temáticos elaborados pelos alunos: “O que é luta?”, além de produções textuais: “O que é violência?”. O segundo momento destinou-se a apresentar os diferentes tipos de luta, seus contextos históricos e sociais, sugerindo a desvinculação cultural da violência do conteúdo das lutas. O terceiro momento reuniu as práticas dos jogos de oposição, com as vivências sendo problematizadas com o intuito de favorecer a ressignificação e a emancipação, além da ampliação da temática. Diante disto, alunos e professores podem agir em conjunto para a produção do conhecimento e não a partir de mera transmissão do mesmo. Logo, o intuito esteve centrado no estabelecimento de um diálogo das práticas vivenciadas.

Vale ressaltar que as etapas ora descritas ainda careceriam de análise, em um processo que consiste na “formação de sentido além dos dados, e esta formação se dá consolidando, limitando e interpretando o que as pessoas disseram e o que o pesquisador viu e leu, isto é, o processo de formação de significado” (TEIXEIRA, 2003, p. 16).

Posto isso, a análise qualitativa dos conteúdos foi realizada a partir do cruzamento entre o olhar do pesquisador a contribuição dos alunos e gestores da instituição à luz da literatura. Com base nos registros de campos, foram criadas categorias de análises geradoras dos resultados de pesquisa e de novas discussões a respeito da temática. Além disso, pretendeu-se

construir novas possibilidades didático-pedagógicas, por meio da utilização dos jogos de oposição, instigando, ainda, o pensamento crítico de valores e significados acerca dos conteúdos tratados a partir da problematização da própria realidade dos alunos.

3. Resultados e discussões

Em meio à fase de mapeamento, averiguou-se que o conteúdo das lutas não costuma ser trabalhado nas aulas de educação física, pois em grande parte a disciplina fica restrita ao ensino de esportes coletivos. Rufino (2016) destaca que há dificuldade por parte dos professores em ministrar este conteúdo, sob justificativas de dificuldades no trato pedagógico com as lutas. O autor ressalta que um dos motivos decorre do preconceito com as lutas, muitas vezes rotulada como uma prática violenta e repressiva que incita a violência e a agressividade. Tais colocações do autor somam-se ao evidenciado durante a pesquisa de campo. Com isso, entendemos ser imprescindível a distinção entre as lutas e a violência, para que os alunos sejam capazes de repensar os estereótipos que flagelam o ensino deste conteúdo na escola.

Perspectivando ressignificar a trivialidade existente no trato do conteúdo lutas por intermédio dos jogos de oposição, as aulas foram organizadas e conduzidas trilhando os pressupostos da abordagem teórico-metodológico crítico-emancipatória (Quadro 01).

O quadro apresentado desenha o processo tal como o conteúdo foi desenvolvido durante o período de intervenção. A seguir, discutiremos os dados que resultam da análise da intervenção realizada.

3.1 Reconhecendo as diferenças entre luta e violência: as concepções dos alunos acerca destas questões

Corroboramos com Daolio (2007) quando este salienta que a abordagem crítico-emancipatória instiga no aluno o seu envolvimento direto como autor de suas ações e concepções; além disso, essa perspectiva encoraja o desenvolvimento de sujeitos capazes de criticar e de atuar de maneira autônoma no ambiente em que estão inseridos.

Na primeira etapa da pesquisa, as vertentes que seriam trabalhadas foram apresentadas aos alunos sob diversos protestos ao conteúdo que seria tematizado. Dentre eles, se sobressaíram frases como: “Ah, não, professor, nós gostamos é de jogar bola”. Outra indagação destacou-se especialmente entre as restantes: “Mas nós vamos brigar na aula, professor?”. Naquele momento, evidenciou-se que havia significados já construídos com relação ao conteúdo lutas, razão pela qual salientou-se a necessidade da construção de um olhar diferente acerca do fenômeno. A concepção adotada nesta pesquisa propõe justamente um viés crítico adjacente ao ensino da educação física na escola. Logo, a abordagem preconiza a libertação do aluno de falsas ilusões, alienações e de uma visão exclusivamente individualista, competitiva e autoritarista do esporte e dos jogos. Este modelo de ensino evidencia que, por meio da interação do indivíduo com determinado conteúdo, é possível rever valores e atitudes a respeito do assunto trabalhado.

Diante disto, insistimos na proposição em constante diálogo com os alunos, acompanhando o interesse

Quadro 1 – Bloco de oito aulas interventivas.

Semana	Aulas	Habilidades	Conteúdos
1º	1	Reconhecer as diferenças entre luta e violência.	Introdução às Lutas
2º	2	Reconhecer as diferenças entre luta e violência.	Introdução às Lutas
3º	3	Compreender a historicidade das lutas, seus tipos e modalidades.	Introdução às Lutas e vivências por meio de jogos de oposição
4º	4	Compreender a historicidade das lutas, seus tipos e modalidades.	Introdução às Lutas e vivências por meio de jogos de oposição
5º	5	Vivenciar Jogos de oposição	Jogos de oposição. Realizar a discussão acerca dos valores que envolvem as lutas.
6º	6	Vivenciar Jogos de oposição	Por meio dos jogos de oposição. Realizar a discussão acerca dos valores que envolvem as lutas.
7º	7	Ressignificação das lutas como instrumento de discussão sobre o tema e os valores existentes no espaço escolar.	Discutir os valores que envolvem o tema lutas no espaço escolar
8º	8	Ressignificação das lutas a partir dos jogos de oposição	Festival de jogos de oposição e encerramento.

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos registros de campo.

crescente pela temática. Inicialmente, nos valem de instrumentos de pesquisa como desenhos e produções textuais para conduzirmos a exteriorização de sentimentos e emoções, ou seja, depreender a realidade e experiências dos alunos a partir de seus traços no papel. Destas produções emergiram três categorias que serão maiormente esmiuçadas na Figura 1.

O desenho representa uma luta de boxe, com participação de espectadores prestigiando a ação esportiva. Do total de produções, 35,3% tomaram este viés como significado de luta. De acordo com Correia e Frachini (2010), a projeção pelos mais variados canais de mídia confirma a expansão e a socialização das práticas relativas às lutas na mídia. Embora a presença das lutas na mídia possa ser considerada positiva, segundo Rufino (2016), ultimamente o fenômeno tem obtido também lugar de destaque negativo. Elas vêm, portanto, sendo disseminadas de forma criticada e descontextualizada, tornando-se carregada de estereótipos que são altamente reproduzidos nos meios sociais, como a escola.

De igual modo, a produção a seguir (Figura 2) salienta a evidente influência da mídia no contexto em que os

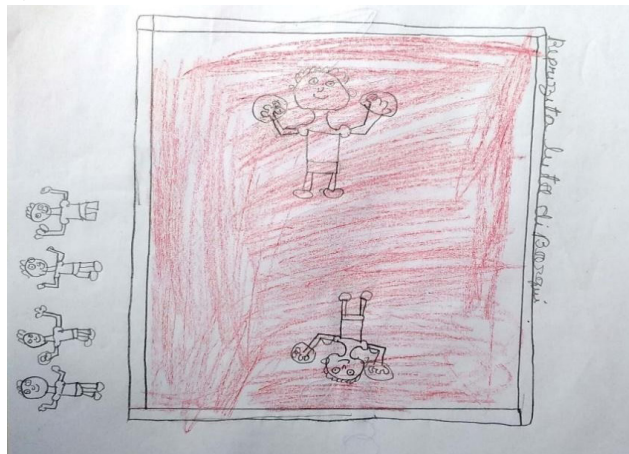
alunos estão inseridos. O desenho reproduz uma cena de uma franquia de desenhos chamada *Dragon Ball*. Foi percebido entre as produções que a influência da mídia está presente na realidade dos alunos, haja vista que 29,4% deles justificaram suas produções sobre o conceito de luta baseando-se em filmes e desenhos, reforçando outra forma de influência da mídia no cotidiano de suas práticas.

De modo distinto, mais de um terço dos alunos da turma retrataram, como no desenho a seguir (Figura 3), cenários compostos de duas ou mais pessoas brigando, enquanto ao redor havia ainda incitação ao ato que estava acontecendo. As produções que faziam esta associação da luta com a violência totalizavam 35,3% dos registros.

Na análise dos desenhos, em linhas gerais, observou-se uma diversidade de opiniões acerca das lutas, sendo de grande valia perceber que, em parte, determinados alunos conseguiram apartá-las da noção de violência. Em contrapartida, evidenciou-se também a distorção das lutas por um viés que não condiz necessariamente com a sua proposição nas escolas. Segundo Ueno e Sousa (2014), esse fato tem suas raízes pautadas no processo de esportivização que a massa midiática repassa, além deste conteúdo não ser fomentado nos espaços escolares. Diante disto, é essencial trabalhar de forma efetiva o conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar, por meio de vivências e leituras críticas, para que não sejam reproduzidas ramificações distorcidas acerca do conteúdo.

Outrossim, ao discorrerem sobre o tema violência nas produções textuais, ao contrário de interpretações fluidas acerca das lutas, os alunos evidenciaram maior propriedade ao tratarem do assunto. As produções abordaram aspectos que abrangeram desde agressões físicas e verbais, até violência contra mulheres e crianças, bem como formas diversas de representação de violência no cotidiano

Figura 1 – Luta como esporte de combate.



Fonte: registros de campo.

Figura 2 – Luta e mídia.



Fonte: registros de campo.

Figura 3 – Luta associada a violência.



Fonte: registros de campo.

dos sujeitos. Nesse contexto, um dos alunos descreveu em seu texto: “São movimentos agressivos, envolve sentimentos ruins que às vezes machuca ou até mesmo mata, muita ira, com violência há muitas coisas que se passa pela nossa cabeça com brutalidade e raiva”.

Ao realizar um comparativo entre o que é luta e o que é violência na visão dos educandos, observa-se que os conceitos não estão discriminados e transformam-se em um mesmo evento. Entendemos como exponencial a necessidade de diferenciação destes conceitos para que se possa trabalhar de forma efetiva o conteúdo lutas nas aulas de educação física escolar. Concluimos, neste sentido, que o mapeamento realizado evidenciou um panorama da visão que os alunos tinham acerca dos temas, contribuindo para futuras problematizações e discussões no decorrer das aulas.

3.2 Quebrando paradigmas: compreendendo a historicidade da luta e vivenciando os jogos de oposição

De acordo com Kunz (2001), na abordagem crítico-emancipatória são trabalhados três aspectos e competências: o trabalho, a interação social e a linguagem. Dentre estes, o aspecto do trabalho busca desenvolver a competência objetiva, expandindo a autonomia do aluno através das experiências concretas e diretas com os conteúdos. Com as vivências corporais através dos jogos de oposição, propusemos trabalhar com os alunos questões referentes ao respeito com o próximo, normas sociais e condutas filosóficas, que podem ser exercidas para além da disciplina de educação física.

Após conversa com os alunos, foram promovidas novas discussões acerca do que é luta. Nesta conversa emergiram temas como: o contexto histórico, a diversidade, a representação sociocultural, a luta pela sobrevivência humana, seus desafios ou a luta enquanto arte marcial e os esportes de combate. Tais classificações contêm ampla bagagem no que concerne às normas e condutas subsidiadas por filosofias regentes dentro de cada manifestação. Essas discussões acerca do conteúdo ofereceram suporte para o entendimento do tema, ressignificando os pensamentos dos indivíduos em torno destas práticas.

No que se diz respeito às vivências corporais foram desenvolvidos os seguintes jogos: “Arranca fita”, classificado como luta de média distância³ ou luta com golpe; “Mini-sumô”, classificado como luta de curta distância ou luta com agarre; e a “Esgrima”, luta de longa distância ou luta com implemento. A partir das vivências, oportunizou-se aos alunos, por meio do movimento de cada atividade, desenvolver e aliar suas percepções sobre tais práticas. No momento das atividades, os alunos conseguiram distinguir que modalidade esportiva

estava sendo vivenciada, logo, a partir das ações durante o jogo e das experiências anteriores de cada um, conseguiram conferir novos significados àquelas práticas, desenvolvendo suas capacidades de resolver conflitos e obstáculos que o jogo proporcionava por consequência.

3.3 Ressignificando a prática – os alunos como autores(a) de suas próprias vivências

Para Kunz (2001), a competência comunicativa indica que os alunos devem ser capazes de interpretar e criticar a realidade na sua relação com os esportes e práticas corporais pré-desportivas, comunicando-se e entendendo os outros indivíduos. Deste modo, entende-se que a linguagem no esporte e no “se-movimentar” vai além dos movimentos dos participantes, pois também versa sobre experiências, vivências e entendimentos da realidade dos esportes por meio das manifestações corporais ofertadas. Com isso, um aluno que aproveita esta experiência concretamente é capaz de transformar suas vivências corporais em novas experiências.

Para dar continuidade à tematização da violência e das lutas, propusemos a realização de entrevistas com os funcionários da instituição escolar, acerca de suas percepções sobre o conteúdo lutas trabalhados na escola e a respeito do entendimento dos termos luta e violência. Os alunos foram os responsáveis pela condução das entrevistas e elencaram as seguintes perguntas para estruturá-la: “Qual a sua opinião em relação ao ensino de luta nas aulas de educação física na escola?” e “Luta tem relação com violência? Por quê?”.

No que se diz respeito às informações obtidas, grande parte dos sujeitos abordados entenderam o acesso ao conteúdo lutas nas aulas de educação física como benéfico para formação dos educandos e expuseram percepções distintas entre as noções de luta e de violência. Dentre os quais destaca-se o excerto em que um dos funcionários expôs: “[...] se o professor tiver uma boa relação com as turmas, ele consegue diminuir muito o índice de violência dentro das salas, a partir das lutas. Eles sabem que luta é diferente de brigar, de ser violento, mas precisa de uma ajuda pedagógica”. Porém, uma parte dos entrevistados discordaram da ideia, considerando que luta e violência representariam a mesma coisa, dessa forma, o ensino do conteúdo lutas não atuaria no favorecimento da formação dos alunos, conforme a exposição da coordenadora pedagógica: “[...] eles são de um meio extremamente violento, então, para eles, tudo se resolve na pancada. Até você colocar na cabeça do menino de dez a quatorze anos que a luta tem outro objetivo [...] não vai ser em duas semanas que vai mudar esta cultura.”

Partindo da problematização das duas vertentes de pensamentos, os alunos discordaram da segunda linha

de pensamento apresentada e, como subsídios, usavam exemplos das aulas anteriores para tomarem como referência que a luta tem suas singularidades e dentro destas não cabe junção à violência, sendo um conteúdo que oportuniza vivências corporais que nunca tinham sido proporcionadas até então.

A competência comunicativa busca intermediar, mostrar e ensinar os valores sociais aos alunos, os possibilitando analisar determinada situação por vários ângulos, partindo de visões diferentes de um mesmo assunto e fazendo com que não sejam meros objetos de uma ação. É necessário que os alunos possam tornar-se sujeitos dessas ações, emancipando-se verbal e corporalmente (KUNZ, 2001).

Para o desfecho deste bloco de oito aulas intervenivas, foi realizado, juntamente com os alunos, um festival de lutas, através dos jogos de oposição, vivenciando, destarte, o que foi discutido e problematizado nas aulas anteriores. Os alunos fizeram parte desse planejamento, avaliando as aulas de lutas, questionando os conteúdos e a forma que eles foram trabalhados. Partindo desta discussão, os alunos realizaram a seleção das atividades a serem executadas no festival. Os alunos criaram atividades para ocasião, aliando-as com as atividades elencadas pelo professor. O festival ocorreu na quadra poliesportiva da escola, sendo realizados oito jogos de oposição, a saber: pega-grampo, pega-fita, luta do jacaré, queda de braço, mini-sumô, cabo de guerra, tomar a bola do adversário e puxa-puxa.

O último jogo citado foi criado pelos próprios alunos, a partir da absorção das vivências em aulas anteriores e ressignificação de novas experiências corporais. O festival contemplou a participação de todos os alunos e alunas. Diante disto, conclui-se que o brincar é um direito e uma necessidade que não pode ser negligenciada e tampouco subtraída. Por sua vez, deve ser vivenciado de forma livre e espontânea, com isso, já que brincando e se movimentando, a criança tende a ter um diálogo constante com o mundo e apropriando-se de sua realidade, ampliando suas vivências e formas de aprendizagem (KUNZ, 2015). Ao final da culminância, todos os alunos e alunas foram premiados igualmente com medalhas de participação. Ademais, o encerramento da temática trata-se ainda com uma confraternização.

A partir dos relatos anteriormente expostos, percebeu-se que desde o primeiro contato dos alunos com o conteúdo proposto, até seu encerramento, houve contribuição com os entendimentos dos alunos acerca do conteúdo de lutas, em relação às suas diversidades históricas, normas e valores enriquecedores para o desenvolvimento dos sujeitos. Os alunos foram capazes de diferenciar os termos luta e violência, de acordo com seus significados, mostrando, assim, o quanto a abordagem proposta para realização das atividades é capaz de favorecer a transformação dos

indivíduos em seres crítico-reflexivos e emancipados. Por fim, reúnem-se a seguir as conclusões que derivam da intervenção e da pesquisa empreendida.

Considerações finais

Acredita-se em contribuições no processo de desenvolvimento integral dos educandos participantes da pesquisa, uma vez que tal conteúdo tem um grande potencial didático-pedagógico na construção do saber, possibilitando uma maior aproximação e conscientização dos alunos acerca das lutas no âmbito escolar, de forma que venha a intervir em sua emancipação crítica e ressignificação das práticas em que estão inseridos.

Durante a intervenção proposta, buscou-se contribuir com o trabalho do conteúdo das lutas por meio de abordagem crítico-emancipatória nas aulas de educação física. Neste sentido, conclui-se, ainda, que ao final da proposta os alunos foram capazes de ressignificar as manifestações corporais nos lócus em questão.

O desenvolvimento desta intervenção também proporcionou ao professor que conduziu as atividades inúmeras reflexões acerca da prática docente. É de grande relevância ressaltar que o primeiro contato com o conteúdo lutas no ambiente escolar não requer necessariamente alguém graduado em alguma modalidade de luta, arte marcial ou que tenha uma vasta experiência no ramo para abordar a temática na sala de aula e atingir os objetivos aspirados.

No que diz respeito aos conhecimentos adquiridos pelos alunos, podemos reiterar que, a partir dos registros e avaliações, foi percebido que os educandos compreenderam a diferença entre luta e violência e, para isso, o aporte teórico-metodológico das práticas foi de grande importância para experimentação de vivências corporais concretas, objetivando a reconstrução de conhecimento por meio do movimento.

Imperioso grifar, ainda, que se a escola se propõe a abrir espaços para a socialização, autonomia e interação dos conteúdos da educação física, e não a formar atletas, mas sim cidadãos críticos acerca de suas práticas, contribuirá grandemente para a formação dos sujeitos, na qual as manifestações corporais vivenciadas se demonstrariam um precioso instrumento de aprendizagem.

Concluimos que o conteúdo lutas subsidiado pela abordagem crítico-emancipatória por meio dos jogos de oposição é capaz de promover mudanças, e não somente efetivar mera reprodução de movimentos sem fins educativos. O conteúdo, antes entendido como ferramenta de generalização da violência na escola, abriu espaços para a socialização, autonomia e interação dos alunos com a comunidade escolar. Portanto, as vivências contribuíram para o ambiente de aprendizagem formativo dos sujeitos, sendo as lutas instrumentos de emancipação dos alunos. ■

Notas

- ¹ O desenvolvimento desta pesquisa contou com auxílio financeiro da PROPESQ/UFNT, Edital nº 011/2022.
- ² A participação dos alunos na pesquisa foi voluntária. As discussões e as atividades práticas aconteceram de forma flexível. Caso algum procedimento gerasse constrangimento ou a criança tivesse o receio de expor sua opinião, em nenhum momento foi obrigada ou pressionada a interagir nas propostas de discussão. Todas estas questões foram explicadas às crianças previamente para obter-se o consentimento de participação na pesquisa.
- ³ Para saber mais sobre as classificações das lutas, consultar Gomes (2008).

Referências

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.
- ALBINO, B. S. *et al.* Acerca da violência por meio do futebol no ensino de educação física: retratos de uma prática e seus dilemas. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 2, p. 139-147, mai./ago. 2008.
- BOMFIM, D. L. *et al.* Ocorrência de bullying nas aulas de Educação Física em uma escola do Distrito Federal. **Pensar a Prática**, v. 15, n. 2, p. 302-317, abr./jun., 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília – DF. CONSED, UNDIME, 2018.
- CANDREVA, T. *et al.* A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Pensar a Prática**, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr., 2009.
- CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, v. 16, n. 1, p. 01-09, jan./mar. 2010.
- DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2007.
- FARIAS, M. J. A.; FERREIRA, F. M. Reis e rainhas do ringue: experiência pedagógica com as lutas no Projeto Educação com Movimento em Brasília – DF. **Revista Com Censo**, v. 8, n.3, p. 190-197, ago., 2021.
- FARIAS, M. J. A.; WIGGERS, I. D. ; ALMEIDA, D. M. F. Brincadeiras de Luta e Cultura Infantil: Análise de Publicações em Periódicos da Educação Física (2004-2013). **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 23, p. 181-195, 2015.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.
- GOMES, M. S. P. **Procedimentos pedagógicos para o ensino das lutas**: contextos e possibilidades. 2008. 119f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.
- KUNZ, E. **Brincar & Se-movimentar**: tempos e espaços na vida da criança. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MARRIEL, L. C. *et al.* Violência escolar e autoestima de adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 127, p. 35-50, jan./abr., 2006.
- MIRANDA, A. L. F.; REIS, L. M. C. O conteúdo lutas nas aulas de Educação Física nas escolas de ensino fundamental do município de São Miguel do Guamá – PA. **Revista de estudo e pesquisa em educação**, v. 22, n. 1, p. 120-136, jan./abr., 2020.
- RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais**, n. 04, p. 129-148, mai., 2008.
- RODRIGUES, A.T., Base nacional comum curricular para a área de linguagens e o componente curricular educação física, **Motrivência**, v. 28, n. 48, p. 32-41, 2016.
- RUFINO, L. G. B. Fundamentos das lutas e o processo de inclusão: perspectivas pedagógicas na diversidade educativa contemporânea. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, v. 10, n. 63, p. 919-920, 2016.

- RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 283-300, abr./jun. 2012.
- SANTOS, J. P. P.; OLIVEIRA, S. A.; CÂNDIDO, I. C. As lutas como conteúdo em Educação Física escolar por parte dos professores da rede municipal de ensino de Paranavaí, Paraná. **Educación Física y Deportes**, n. 162, nov. 2011.
- SANTOS, S. L. C. **Jogos de Oposição**: ensino das lutas na escola. São Paulo: Phorte, 2012.
- SANTOS, C. A. F.; FREITAS, R. G. Luta marajoara e memória: práticas “esquecidas” na educação física escolar em Soure-Marajó. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 16, n. 1, p. 57-67, 2018.
- SO, M.; DE MELO GRILLO, R.; BETTI, M.; PRODÓCIMO, E. Jogo e lúdico no conteúdo lutas em aulas de educação física escolar. **Educación Física y Ciencia**, v. 22, n. 2, p. e125, 1 jun. 2020.
- TEIXEIRA, E. B. A Análise de dados na pesquisa científica. **Desenvolvimento em Questão**, v. 1, n. 2. jul./dez. p. 177-201, 2003.
- UENO, V. L. F.; SOUSA, M. F. Agressividade, violência e budô: temas da Educação Física em uma escola estadual em Goiânia. **Pensar a Prática**, v. 17, n. 4, p. 1-14, out./dez. 2014.
- WIGGERS, I. D.; FARIAS, M. J. A.; GUIMARÃES, J. S.; FERREIRA, F. M. Brincadeiras de “lutinha” e mídias: uma análise comparada da cultura lúdica infantil de São Luís – MA e Brasília – DF. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 27, n. 4, p. 103-116, out./dez. 2019.